

Jornal de Melgaço

Proprietario e Administrador,
Duarte Augusto de Magalhães

ORGAO DOS INTERESSES LOCAES

EDITOR,
Manoel Joaquim Esteves Calçada

ATÉ QUE AFINAL O REU CONFESSOU O CRIME

Achamos tão sensato e verdadeiro o artigo que nos serve de epigraphe, publicado ha dias pelo nosso apreciavel collega portuense «Jornal de Noticias», que não podemos resistir á tentação de o transcrever, o que fazemos com a devida venia.

«Depois de ter o governo, durante mezes seguidos, faltado á verdade por meio da sua imprensa, depois de ter negado que as 72:000 obrigações dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste estavam empenhadas, o sr. Ressano Garcia, apertado pelas perguntas cerradas do deputado regenerador sr. Luciano Monteiro, confessou em pleno parlamento que o governo as empenhara em Paris para servir de caução a um supprimento do thesouro!»

Até que afinal o reu confessou o crime! Finalmente arrancou-se-lhe em plena audiencia publica a confissão do que levava mezes e mezes a negar com audacioso desplante pois que chegava a proferir facecias de rufião, quando o intimavam a dizer a verdade!

Em que situação ficou o governo? Em que situação collocou os seus jornaes que, queremos admittil-o, tiveram a ingenuidade de fazer fé nas palavras do seu oraculo? Burlões! Nem lhes doe a desgraça do paiz, nem lhes importa sacrificar os seus mais dedicados amigos!

Foram-se as ultimas pratas da casa! Foram-se para estes «salvadores» restaurarem concelhos mettendo taboas e taboas na meza do orçamento, pois eram necessarios mais logares para a clientella galopinacea do sr. José Luciano; foram-se afim de se sobrecarregar o thesouro com cerca de 300 contos de despeza que ha de advir dos celloiros communs, votados pela maioria, só para se fingir que o sr. Augusto José da Cunha trabalha; foram-se porque era forçoso crear o quadro auxiliar do exercito, sem necessidade alguma, e só para attender á vaidade do sr. conde de S. Januario; foram-se para acudir, em resumo, aos desejos e vontades dos correligionarios, que berrem, como esfomeados, que necessitam de reparações!

Mas isto é de mais! Isto não se tolera!

Prégadores palavrosos e hypocritas, andaram pelas praças publicas com barretes phrygios de guarda-roupa, a prégar moralidade, liberdade e economia; e quando chegam ao poder, a que cobardemente se esquivaram durante as situações mais difficéis, apresentam a moralidade em camisa, calcam aos pés os principios liberaes que hasteavam em bandeira, e vão ás arcas do thesouro, arrancam de lá tudo a que podem lançar mão, e correm para o prego com o resto dos nossos haveres!

E por cima de todos estes attentados, de todos estes embustes, commettidos entre as gargalhadas bocacamente inconscientes do sr. presidente do conselho, e das risadas cynicas do sr. Ressano Garcia, agora com o ferrete de mentirosos, marcado pelos nossos credores, e até por um dos seus proprios membros!

Declara o sr. ministro da fazenda na camara dos pares que estavam pendentes as negociações para a conversão, e vem o orgão dos crédores externos e diz-lhe que mente, que essas negociações não se encetaram, e que só se hão de entabolar, quando o parlamento portuguez autorisar o seu governo a esta operação, porque os crédores não acreditam no governo, que andou a enganar-os durante mezes, e que só se resolveu a negociar o que promettera, forçado, levado de rastos por todos aquellos a quem foi pedir dinheiro, dando como penhor os tabacos, os caminhos de ferro e tudo o mais que lhe exigissem!

Nega durante mezes e mezes que tivesse empenhado as 72:000 obrigações do caminho de ferro do Norte e Leste, que o governo transacto lhe deixara intactas, e por fim, apertado contra a parede, sem encontrar saída, o ministro da fazenda vê-se compellido a confessar deante dos representantes do paiz:—«Nós mentimos; as obrigações estão empenhadas!»

Depois d'uma confissão d'estas, depois de desmascarada a burla que vomitou na camara dos pares, depois da exautoração que a si proprio infligiu na camara dos deputados, ainda lhe resta audacia para se manter nos bancos do poder?! Rua! Rua! Por honra propria e por honra da nação, que já não póde apresentar ao estrangeiro, como negociadores das suas operações, estes sete homens, a quem os credores disseram:—«Mentiram!» e que confessaram:—«Mentimos!»

A FAISCA

—E' isso!... Agora vou mostrar-vos as minhas compras!

Ella desapareceu e voltou

alguns instantes depois, trazendo n'uma mão um cavallinho de manivella, e na outra um grande cesto, do qual tirou um balão, uma couraça e um jogo de corridas.

—A couraça e o cavallo, disse ella, foram encomendados... o resto, escolhi-o eu...

Jacques extasiava-se: Um balão! Uma couraça! Um jogo de corridas! Achados! Verdadeiros achados! Eu não tinha pensado n'isto!

—Vejamos! E' preciso deixar-me alguma cousa!

Não tens as caricias, Magdalena, todas as caricias?

Magdalena! Ella recua para a penumbra a fugir de dissimular o rubor que lhe subia ás faces, mas evita responder á expressão d'aquelle pezar.

Não nos resta mais, disse ella, que operar o nosso trabalho... sem barulho!

Jacques approvou inclinando a cabeça.

A passo, devagarinho, transportaram para o quarto do pequeno todos os brinquedos que alinharam sobre o tapete.

A' terceira e ultima viagem, Jacques parou em frente á cama.

—Posso eu abraçá-lo? implorou elle.

—Tenha cuidado! Não o acorde.

Elles fallavam muito baixinho, e o seu semblante de mysterio dulcificava a sua alma, desentendiando os seus nervos e dava á sua frente um caracter de constrangimento affectuoso.

Devotamente, tocava levemente com os labios a face de seu filho, em quanto que Magdalena, com precaução levantava o abat-jour do candleiro.

—Vis-te, vis-te, disse elle aproximando-se de Magdalena; elle nem se mecheu.

—Do caro pequeno, ajunta elle, mostrando sobre a meza os pequenos sapatinhos...

—Imagine que os tinha antes da minha volta... depois que chegou a noite, e ella pediu a Luisa «as mais grandes!»

Elles collocaram de cada lado do fogão, Magdalena o seu cavallo mecanico, elle o seu cavallo de balouço; depois, como as suas mãos se tivessem chocado sobre a couraça, retirou a sua rapidamente...

Ella disse aquillo sem intenção, mas a ideia de que mais nada de commum existia entre elles, surpreendeu-os e perturbou-os.

Elles continuaram a sua tarefa, silenciosos e commovidos, consultando-se sómente com o olhar sobre o lugar que devia occupar cada objecto, tratando-se com reciproca palidez.

Afastaram-se um pouco para julgar o effeito: uma exclamação de alegria estrondou.

André, debatendo-se sobre a cama, saltando, batia as mãos gritando:

—Papá! mamá! Como isso é lindo! Como isso é bello!

Juntos, d'um salto, aproximaram-se d'elle... tão juntos que o pequeno aperta as suas duas cabeças nos seus pequenos braços e as suas faces tocaram-se, e que nas lagrimas que corriam —emfim— as tres boccas confundiram os seus beijos!

—Meu filho!

—Jacques!

—Minha esposa! Minha esposa!

Para que se avivasse a chama que parecia morta, foi sufficiente uma faísca acesa pelo sopro d'um anjo!... E quando se ouviram as doses badaladas da meia noite, o velho Noël, ao clarão dos estrellas, viu dois felizes mais sobre a terra.

Trad. do Petit Journal

Albert Delvallé

Conclusão

PAGINAS D'AMOR

Ancieos

A vida, abysmo profundo de constantes soffrimentos, não é vida nem é mundo, é um mar—todo tormentos.

A minh' alma, a pobresinha, n'um soffrer sempre constante, não tem nunca, coitadinha, d'alegria um só instante...

Suspira, suspira e chora, n'um ancieo prolongado... Anda em busca d'uma Aurora, d'um casto Ideal sonhado...

Anciea continuamente, n'uma dôr forte e sentida, sinto-a fragil e latente, gemer... gemer dolorida...

São suspiros desesperados, lagrimas tristes d'amor... ah! saudade dos passados, gemidos da minha dôr...

A vida, abysmo profundo, de bem loucos devaneios, não é vida nem é mundo, é um mar, só todo ancieos...

Vianna, XCVII.

Tullio da Motta

bebedo...

Ao João Hermilio d'Eça e Leiva, como prova d'amizade, a offerta da prosa seguinte:

Era pelo Agosto. A tarde, estava asphixiante e abrazadora, sem uma leve viração! Que calor! Nunca em dias de vida, se vira outro assim igual! Era pela certa, má signa d'alguma peste! Os trigos, pelos eirados, murchos, sequinhos, curvados para o chão, mettiam mesmo dô. Ha tanto tempo que não chovera já, nem havia pinga de agua, e assim com uma secca,

que fazer? Outra assim não lembrava tal! As vinhas, queimadas, pareciam esqueletos de pthiscos, sem folhas já. A perca n'aquelle anno, era tanta! Uma miseria emfim! Deus não fazia um milagre, não ouvia as preces dos pobres lavradores, alentados na vá esperanza d'uma chuva. Nem os mais leves irridios d'ella! Que de gente ficaria sem pão!

Na taberna do Outeiro, com a cabeça reclinada n'uma meza inundada e toska, parecia dormir o morgado das Répas. Ao lado, um enorme cangirão de vinho, fazia-lhe companhia. De vez em quando, como que machinalmente, erguia-se o morgado, e bebia... bebia. Nunca era insaciavel. A sede era tanta, o vinho, tão bom, e bebia, bebia... O calor cada vez apertava mais. O morgado, ergueu a fronte, e o rosto annuviou-se-lhe de repente, exclamando n'um ranger de dentes: «E eu amava-a tanto! e depois, be-beu, be-beu... A sede era tanta, o vinho, tão bom! Quedou-se pensativo e uma lagrima veio a bailar-lhe pelas faces. «E eu amava-a tanto!... Trahiu-me! E eu amava-a tanto!» E voltou de novo a beber, a beber!... O vinho fazia-lhe bem, esquecia-o, entorpecia-o, e abrazava-lhe o cerebro, parecia-lhe infiltrar uma sensação que elle gostava. Bebia... bebia para esquecer as ideias revoltosas que o atormentavam! A sede era tanta! tanto o calor! e o vinho tão bom! Os olhos reluziam-lhe nas orbitas, com um brilho feroz, e o olhar turvo, incerto.

Levantou-se, a cambalear, e lá foi estrada fóra, em zig-zags...

E todos censuravam o morgado, e admiravam a sua repentina transformação. Elle, o modelo dos homens e da virtude, o mais casto dos esposos, entregue a toda a sorte de devassidões! Mulheres, vinho e jôgo, eram agora as suas distracções. E elle lá ia, a cair, sem poder ter-se em pé. Uma lastima!

Censuravam-o, mas não sabiam que o vinho, é o anestesico de algumas almas sensiveis que soffrem, e faz-lhe esquecer esses soffrimentos! O vinho, é o afogo d'esses entes, que uma paixão superior os esmaga. E quando vêem um bebedo, não se lembram sequer que já fóra um homem honrado. Chamam-lhe vicioso, mas não penetram no amargo do seu coração: não vêem a dôr, a esphacelar-lhe á alma, só vêem o vinho que elle bebe. Quantas vezes, eu ao ver um embriagado, me condoio, e penso que soffrerá o seu coração, ao passo que todos o insultam, o enxovalham.

E a tarde ia extinguir-se, e o sol, lá muito ao longe, n'um leito de purpuras, gargalhava o seu ultimo sorriso abrazador,

de mel doirado, n'um adeus de eterna tristeza.

A briza, mansinha e fresca, vinha a soprar uma aragem doce e perfumada.

O calor inda era tanto! E o morgado, cheio de angustias, lá se foi, a cahir de bebado, pobre homem! em zig-zags...

Porto 9-12-97.

Tullio da Motta

FACTOS & NOTÍCIAS

Que sunt Cesaris

Cesari

Não nos queremos elepar — por caminhos tortos.

Os maus malquistam-nos, e perseguem-nos.

Que homens não ha por esse mundo, verdadeiros macacos, para divertimento ou flagello!...

—Estão na sua época, e cada época tem a sua mania; e sempre o pedantismo ou superficialidade guerreou o bom senso; por uma verdade quantas mentiras se não tem debatido, consignado, e defendido, como tantos axiomas?

E' vicio de todos os tempos; negal-o seria desconhecer o evidente testemunho dos *hydro-picos conceitos* de 10 arrateis, sentenças de arroba e meia d'esses macacos, que espremidos na *prensa do bom senso* deitariam, quando muito, por todo o succo o grande valor entre os dous pontos e o ponto e virgula!

Ditosa condição e ditosa gente, que tanto vai prosperando á custa... dos parvos.

Revejam-se nas suas produções, e verão que *admiravel torrente de palavras uteis, que bellezas de imitação...* de imitação sua, que é o peculiar característico dos seus autores. E' no que abundam e sempre abundaram.

Leiam e pasmem: é o que só sabem dizer homens que se prezam de um titulo scientifico cá na nossa terra.

Gostam da *barata*? é linda?... Pois é assim! como elles só sabem dizer.

Assim foram em todos os tempos, dizemos nós, os vendilhões da Synagoga.

Varridos de sagrado pelos seus preparados abortos e escamoteações estudadas, elevados pelos meios que todos conhecemos, querendo-se impôr aos outros, que lhes dizem — *basta!* veem a publico alcunhar os que assim lhes gritam, querendo amedrontar com a sua atrevida philauca os mais tímidos por ameaças indignas de homens que se titularam, de homens que se prezam. A sua atrevida audac tambem chega a ferir simuladamente a toga do magistrado, se este se não amolda aos seus fins, á sua ganancia, á sua politica.

—Que! não estará viva na memoria de todos a insidiosa diffamação de que se serviram contra a esposa de um magistrado, que teve a coragem de apontar de cadeira em punho a porta da rua ao insolente que provocava em sua propria casa seu marido, servindo-se para a diffamar de cartas anonyms que metteram por baixo das portas das casas de pessoas de suas relações?! Que de insidias por elles praticadas podiamos, e podemos ainda patentear n'este pelourinho...! A materia é basta.

Continuem, se gostam...

Mas vá de resposta o que fica, e de lição o que segue:

«Ex abuntia cordis os loqui-

tur— a bocca fala do que lhe vai no coração.

A julgar por este diagnostico, enorme deve ser a força explosiva da lava malefica concentrada no peito de tantos que a esmumam a torrentes por todos os poros.

A maledicencia nada poupa, tudo malsina, tudo destroe, com a espada da lingua, mais terrivel que o veneno do aspidide.

Não procede como a abelha, que ainda da flôr benéfica sabe extrair o nectar mais delicioso: usa como o assassino que infiltra o veneno no mais innocente manjar que vai queimar as entranhas da victima innocente.

Abra-se o *Orgão*; é ver como a politica falsaria não tem ao seu dispôr outra arima de maior alcance que a espada da maledicencia para derrubar o adversario. Não se discutem os principios para reconhecer a superioridade de uns sobre os outros. Não se é leal na apreciação. Exaggeram-se os erros que em geral são communs a todos, e assacam-se ao adversario como se ninguém mais senão elle os houvesse cometido. Não; uma só cousa se tem em vista: dizer mal, desprestigiar pela maledicencia, calumniar. Os mais leves defeitos do individuo são chamados a publico a depôr como testemunhas irrefragaveis da sua immoralidade.

E' hypocrita, dizem, tem os seus fins politicos... não se fiem n'elle... nós bem o conhecemos. E, todavia, os que assim vituperam estão bem longe de dar o espectáculo edificante que aliás seria de esperar em quem tão acrimosamente se mostra tão denodado campeão da moralidade. — Como! não seria possível discutir as questões sem descer tão baixo na craveira da moralidade, de boa educação, sem postergar os sentimentos de dignidade que todo o cidadão deve presar?

Não seria possível avaliar as aptidões de cada individuo sem vir a lume com os seus defeitos particulares, sem devassar a vida privada de cada um, recinto sagrado em que não é licito entrar?

Não haverá meio de defender os interesses partidarios sem alcunhar os seus censores dos titulos mais ominosos?

As questões serias e de interesse local não poderão ser tratadas como merecem, em linguagem nobre e limpa, que revela rectidão de espirito, pureza de intensão, cavalheirismo em fim?

Para todo o homem sensato a linguagem mordaz, maledica, diffamatoria é o argumento mais forte para o convencer de que o individuo que usa d'ella não está no campo da verdade. Esta defende-se expondo os factos na sua lisura indestructivel, sem mais commentarios do que os que se deduzem da sua logica irrefutavel.

Na arena da diffamação, dos improperios e da injuria, só costumam degladiar-se os cobardes que, fugidos do campo aberto da honra, trilham as veredas occultas da cavilação.

Afilamentos de pezos e medidas

Foi designada a letra B para servir durante o corrente anno no afilamento de todas as medidas e instrumentos de pesar e medir.

Journal de Vianna,

Este nosso presado collega, referindo-se ás perseguições e desorientada politica n'este districto por parte do *progressismo*, e, especificadamente á apprehensão do «*Jornal de Melgaço*», diz:

«Este nosso collega teve de modificar o seu titulo, mercê da perseguição acintosa que a este jornal e ao seu proprietario movem os politicos progressistas da localidade.

Não ha difficuldades que tão preclaros mandões não ponham ao serviço do seu requintado facciosismo. Pois está muito bem. Vamos tomando as indispensaveis notas.

E cá estamos...»

S. Braz

Devido á iniciativa d'um sympathico grupo de rapazes, d'esta villa, realisa-se hoje, na capella da Orada, uma brilhante festividade em honra d'este santo popular, havendo missa solemne a grande instrumental, sermão pelo distincto orador sagrado—rev. Cactano Fernandes, abade d'esta freguezia, procissão e de tarde arraial, tocando a excellente phylarmónica do Pombal, que deverá ser muito concorrido, attendendo á belleza do local.

Hontem houve uma vistosa illuminação, musica e fogo.

Cosias da nossa terra

Ardeu-lhes? Já? Pois creiam que não tinha nada que os apimentasse; se outra cousa entenderam, enganaram-se.

Foi isto o que podemos colligir da resposta que nos foi dada pelo *Orgão* cá da terra.

Dizem os *organistas* que accusamos o administrador d'este concelho por ter diligenciado a captura d'um criminoso hespanhol, aqui refugiado, e de ter prendido e detido em custodia dous individuos, que davam coito ao criminoso e procuravam subtrahir-o á acção da justiça.

O *Orgão*, para lhe não dizermos que mente, falta á verdade. Nós, o que dissemos e sustentamos é que um hespanhol de nome Crispim Fernandes Esteves residiu, por mais de anno, n'um logar qualquer da freguezia de Rouças, o qual foi preso á ordem da auctoridade administrativa e entregue, sem formalidades, ás auctoridades hespanholas.

Dissemos mais que, passados muitos dias, constou n'esta villa que aquelle Crispim se tinha evadido da prisão, em Galisa, e se refugiara n'este concelho, e que, em vista d'isto, o sr. administrador puzera toda a sua policia em campo, em busca d'aquelle hespanhol, o qual, não sendo encontrado, deu logar a que a auctoridade administrativa prendesse Casemiro Alvares, de Chaviães, e Germano de Barros, de Rouças, por se dizer terem recolhido em suas casas aquelle criminoso.

Isto é muito diferente de accusar, queridos *organistas*, mas sim relatar os factos, taes quaes se passaram.

Mas, já que lhes ardeu, vamos cá a saber:

Qual a razão porque a auctoridade administrativa não prendeu tambem um individuo do logar de Mijanças, freguezia de Rouças, onde se diz ter pernoitado aquelle criminoso?

Se é crime dar albergue a um individuo, então muita gente tem de entrar na cadeia, mas,

se bem nos recordamos, é das obras de misericórdia, dar pouxada aos peregrinos.

Foi o que fez Casemiro Alvares, que já se achava deitado; mas ouvindo bater á porta e reconhecendo que lhe imploravam albergue, a muito custo, levantou-se e recolheu-o em sua casa, convencido que assim praticava uma boa e caritativa acção. Mas enganou-se, e qual não foi o seu espanto, quando recebeu ordem de prisão e foi conduzido ás cadeias d'esta villa, onde permaneceu 10 dias, por ter recebido em sua casa um homem que não conhecia, mas que lhe pedia pouxada?

Mas ha mais. A prisão feita a Germano de Barros, parece-nos ter sido ainda mais arbitraria, pois que, segundo se diz, este individuo não deu albergue ao criminoso; sómente, a seu pedido, ignorando qualquer facto que encobrisse crime, se promptificou a ir buscar-lhe uns sapatos a casa de um seu conhecido e amigo, o qual tambem não foi preso, e quando regressou ao sitio onde aquelle Crispim ficára aguardando, já o não encontrou ficando porisso com os sapatos, convencido que d'ali a pouco os procuraria.

Não aconteceu assim, porém. Quem o procurou foi a auctoridade administrativa, a qual o mandou conduzir á cadeia, onde já estava o referido Casemiro. E porque? Por querer fazer um favor tão insignificante.

E' a isto que pode chamar-se dar coito a criminosos?

Um por ter recebido, por esmola, aquelle desgraçado, e o outro por se promptificar a ir buscar-lhe uns sapatos que tinha em casa de um seu amigo?

O que parece incrível é que ainda haja gente que nos censure, quando são elles os censurados, mas enfim, que fazer-lhes?

Porque não perguntam os *organistas* ou censuram o sr. administrador, pelo facto de ter detido nas cadeias d'esta villa aquelle Casemiro e Germano desde o 31 de dezembro findo até ao dia 8 de janeiro, dia em que foram entregues ao poder judicial?

Porque seria que o poder judicial os poz logo em liberdade, se o sr. administrador entendia caber-lhes alguma responsabilidade?

Qual a razão porque o sr. administrador não investigou, como era do seu dever, acerca do coito que se diz ter havido?

Ainda voltaremos a fallar dos 8 dias, porque enfim hoje por esses desgraçados e á manhã por nós, quem sabe?

Terminamos assim, porque vemos que agrada aos *organistas*.

Boatos politicos

Continuam a correr boatos de crise ministerial, affirmando-se que o sr. Ressano Garcia, ministro da fazenda, pediu já a sua demissão.

Da-se tambem, como certa, o queda de todo o gabinete, dizendo uns que o novo ministerio será presidido pelo notavel e patriótico ministro sr. José Dias Ferreira, e outros que será o sr. José Luciano o encarregado de formar novo governo.

Seja como fôr, o que não padece duvida é que a situação é melindrosissima, e o actual ministerio, completamente desauthorisado, não pode nem deve continuar.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes que se acham em debito da sua assignatura pedimos, para regularidade da nossa escripturação, a firmeza de mandarem satisfazer a importancia da mesma, pelo que muito agradeceremos.

Theatro

Com uma enchente mais que regular, effectou-se ante-hontem no theatrinho «Augusto Lima», d'esta villa, a repetição do emocionante drama «Gaspar, o Serralheiro» com a primorosa comedia «Quem desdenha...» a qual tinha sido annunciada para o dia 29 do mez findo.

O desempenho, segundo nos contaram, foi correcto por parte de todos os amadores.

Aguas de Melgaço

E' extraordinario, o que mais nos disseram ter-se passado na ultima reunião dos socios d'estas excellentes aguas, em Monção, no dia 11 do mez findo.

O tal socio que pediu a gratificação de 175\$000 réis pelos seus trabalhos prestados nos annos de 96 e 97, foi de uma audacia nunca vista: pois vendo que a maioria dos seus collegas votava contra o seu pedido, houve por bem ameaçal-os, chegando a dizer-lhes que os ia obrigar pelo pagamento d'aquella gratificação!...

E' ou não isto um caso verdadeiramente extraordinario, unico pyramidal?!

Que poderemos dizer ou julgar do engrandecimento e exploração d'esta fonte de riqueza, principalmente para a nossa terra, á vista do procedimento de um socio que, reconhecendo os poucos meios de que a companhia pode dispor, ainda se atreve a pedir aos seus collegas uma importante gratificação, quando, por motivo algum se torna digno d'ella?

Que hombridade pode ter esse cavalheiro que diz tanto pugnar pelos interesses de esse importante melhoramento, se é elle o primeiro a tolher-lhe o passo, e a querer absorver os seus magros rendimentos, quando, muito embora tivesse jus a elles, os devia applicar na sua tão necessaria exploração e bom nome?

Poder-se-ha dizer que este socio deseja o prosperar das aguas de Melgaço?

Não. Evidentemente, o seu maior interesse é a sua bolsa.

Porque não havia esse socio de offerecer á empresa os seus serviços, se é que são aproveitaveis, gratuitamente, afim de se fazer a aquisição de material que não ha, e que, devido á sua falta, não é possível muitas vezes, satisfazer certos pedidos?

Se assim procedesse, decerto seria louvado, e os seus collegas, porisso, muito agradeceriam, mas em vez de assim proceder, exige gratificações que, nem merece, nem tão pouco a empresa está em condições de lh'as poder dar.

Por esse andar, não chegaria todo o rendimento das aguas para aquelle benemerito socio, e seria preciso haver rateio entre os restantes para retribuir os serviços prestados por aquelle seu collega.

Ainda voltaremos ao assumpto, porque a coisa vale a pena e o homem é digno.

Aperlos

Truz, truz.
 —Quem chama?
 —O Linguarudo. Está cá o sr. Anacleto?
 —Está, sim senhor.
 —Tenha a bondade de lhe dizer que está aqui o seu amigo Linguarudo, e que precisa fallar-lhe.
 —Queira entrar e estar á vontade, que eu vou dar parte.
 —Pois não? ora essa é boa; faça de conta que está em sua casa.
 —(Anacleto apparecendo) oh! grande Linguarudo. Então por cá?
 —E' verdade! Sempre que venho á villa, não posso deixar de vir cumprimental-o.
 —Obrigado, obrigado! Isso são favores que não mereço.
 —Então, conte-me cá: o que val de novo? Que me diz d'estas estupidas coisas da política, quedas de ministerio?
 —Olhe, amigo Anacleto, o que a tal respeito lhe posso dizer, é que lá na freguezia ninquem entende a politica. Uns querem deitar entulho no caminho publico, outros não querem consentir em tal; e a respeito de ministerio, o que bem a ser isso, sr. Anacleto?
 —Ora essa, tem sua graça. Pois você, que já foi regedor, não sabe o que é ministerio?
 —Juro-lhe pela alma de minha avó, que não sei o que isso é.
 —Então você não sabe que ministerio é uma cousa composta de varios homens, que nos governam; que um diz, outro desdiz; que um approva, outro vota contra, e finalmente que nos tem empenhado escandalosamente?
 —Não sabia d'isso, amigo Anacleto; posso affiançar-lh'o. E creia que se algum me tivesse explicado isso a tempo, nunca teria tomado conta de tal lugar.
 —Bom, bom: Vamos a outro assumpto. Então que me diz do bacorinho? Come bem?
 —Nem porisso. Se quer que lhe diga, estou a ver que um dia tenho que lhe mandar olhar a bocca, e o peor é que lá na freguezia, não temos pessoa habilitada para isso.
 —Pois se lá não tem pessoa competente, traga-o cá á villa, que eu pedirei ao amigo Lourenço para que lh'o veja.
 —Não será facil. Olhe que é mausinho.

POLUETIM

A

Irmã de Caridade

Quería appellar para o coração de seu esposo, e não para as leis; queria a revogação da terrivel sentença, mas recusava solicitar dos tribunaes a ratificação de um titulo que Deus lhe havia concedido junto aos altares. Quanto mais que nunca ella consentiria em conservar-se por força da lei no meio de uma familia, onde era despresada, aborrecida, e aviltada. Não havia já no mundo felicidade para ella, pois só tinha vivido para amar Aleixo. Regeitou pois com dignidade as ofertas de dinheiro que se lhe faziam, e saiu do palacio de Kisloff ainda mais pobre que seis annos, antes quando o dei-

—Se repontar, deita-se-lhe o laço ao focinho, e verá como está quieto.
 —Não me despeço do seu fávôr, e desde já muito agradecido lhe ficarei se porisso tiver de o incommodar.
 —Então, que mais se lhe offerece?
 —Desejava confiar-lhe um segredo e desabafar comsigo, amigo Anacleto.
 —Pois diga, diga; o que estiver na minha mão pode ter a certeza que é como que fosse seu.
 —Muito obrigado. Vamos ao caso. Lá um meu visinho, de quem sou muito amigo, n'um dia qualquer que agora não posso precisar, foi dado como testemunha n'um processo que corria pelo juizo de paz, e vae d'ahi, para agradecer, talvez ao diabo, amigo Anacleto, caiu na fraqueza de jurar falso.
 —Oh! co's diabos! E que quer você que eu lhe faça? Que tenho eu com isso?
 —E' porque a mim disseram-me que o amigo Anacleto se dava muito com a pessoa que o quer processar, e então vinha pedir-lhe para que o dissuadesse d'isso, ainda mesmo que seja preciso dar-lhe algum presente, pois, se tal acontece o homem dá de juizo.
 —Isso é bem feito, amigo Linguarudo, porque hoje, principalmente cá na villa, por cá cá aquella palha, juram falso, matam, degolam e enforcam. São dos taes crimes em que é preciso ser inexoravel.
 —Pois, isso é verdade; tem vocêmêce muita razão, mas agora que fazer-lhe? Tenha pena do homem, que é casado, com uns poucos de filhos, e lembre-se que é o seu amigo Linguarudo quem lhe faz este pedido.
 —Bem, bem. Eu cá fallarei e depois lhe darei parte do succedido.
 —Eu confio na sua amisade e, mais uma vez me confesso seu dedicado amigo

Lingarudo

Missa cantada

Hoje, ás 8 e meia horas da manhã, hade cantar-se na capella da Senhora da Orada, uma missa, mandada dizer pelo nosso estimado patricio residente na cidade do Pará. sr. Antonio Joaquim Alves de Magalhães.

xou pela primeira vez. Recolheu-se em uma pequena casa da visinhança, em quanto não obtinha a occasião de se pôr a caminho; e alli teve de presenciar todas as festas, banquetes e saráos, que se fizeram pelo casamento do joven conde. Dera-lhe Deus valor para não murmurar contra as determinações da Providencia, e ainda para rogar pela felicidade do homem, que a havia abandonado; porém a vista d'esse homem ao lado da sua nova esposa era superior ás suas forças, e ter-lhe-hia talvez custado a vida; assim passados alguns dias, e logo que sentiu um pouco acalmada a agitação do seu espirito, deu-se pressa a deixar aquella fatal cidade, d'onde era já segunda vez que se via ignominiosamente repellida, e voltou á França. Deus que a havia guiado e sustentado no meio de tantas afflicções, lhe abriu por fim os braços, e a recebeu no seu serviço. A amargura da sua dôr vai dimi-

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 28 de janeiro

Presidencia do sr. Domingos Ferreira d'Araujo.
 —Lida, approvada e assignada a acta da sessão anterior, tratou-se unicamente de autorisar o pagamento da quantia de 26\$220. réis aos periodicos «Melgacense» e «O Norte» pelas publicações dos annuncios relativos á proclamação dos recrutas para o serviço militar e indicação dos numeros que lhes couberam em sorteio.
 Bravo! Muito bem! Santa administração, a do senado melgacense!!!
 A' infeliz Julia da Gloria, não foi possível conceder-se-lhe subsidio de lactação, devido, segundo disse o sr. presidente, ao estado pecuniario em que a camara se encontra, mas para se pagarem annuncios superfluos e indevidos, como foi ao periodico «O Norte», então ha dinheiro!
 Aos empregados que são pagos pelo cofre municipal, estão em divida cerca de quatro mezes, e não se lhes paga, inventando-se para isso que o sr. arrematante anda atrazado nos seus pagamentos; porém, para se pagarem annuncios, como foi o publicado pelo periodico «O Norte», então apparece tudo e nenhuma desculpa é preciso dar.

Como isto vae, Santo Deus! Para se mandar fazer um pequeno concerto, tudo são difficuldades e torpedos; porém, para se pagar um annuncio inutil, como foi aquelle a que vimos de nos referir, tudo desaparece. E, querem saber porque? Porque é preciso ajudar a viver o orgão, ao qual tem faltado grande parte dos seus rendimentos.
 Esta é que é a verdade.
 Sentimos que nos escasseie o espaço, para mais detidamente commentarmos tão importante assumpto, o que decreto não perderá pela demora.
 Até breve.

Mais um attentado da guarda fiscal

Consta-nos que na tarde do dia 25 do mez findo, andando ao serviço do sr. dr. Passos, no logar de S. Gregorio, o jornalista Joaquim Lourenço, vulgo o Garabaneiro, dous soldados fiscaes, destacados no posto d'aquelle logar, suspeitando que tal serviço continha em si taba-

nuindo de dia em dia; e já hoje a desgraçada se acha n'aquelle estado, de que vos disse no principio da minha narração, que se não podemos esquecer, podemos perdoar.
 —Minha irmã, lhe disse eu, observando-a attentamente; onde está essa Clementina, de quem me havéis contado a historia tão interessante, quanto lastimosa? Não veste ella o mesmo habito que vós cobre? Não se tem dedicado a assistir aos enfermos, e consolar os afflictos? Não se dará o caso que eu a conheça?...
 A irmã Magdalena afastou-se sem me responder. O meu coração estava cheio de admiração e de lastima, á vista de uma resignação tão exemplar; e com voz abafada pela emoção, exclamei: «Pobre Clementina!»
 Seus olhos achavam-se fitos no chão, e cruzando as mãos sobre o peito, ella repetiu debilmente; «Pobre Clementina!»

co de procedencia hespanhola, trataram de o revistar, infiltando no supposto delinquente máus tractos, a ponto de o pobre homem se ver forçado a queixar-se em juizo.
 Sentimos que factos d'esta normalidade se continuem a dar em um paiz que, longe do selvagismo, passa por civilisado. A lei, é clara e, permitindo aos agentes do fisco a observancia dos seus preceitos, não os autorisa á pratica illegal de disturbios e máus tractos que, á similitude d'aquelle, tocaram o zenith do escandalo e da vergonha nacional.
 Logo que nos seja possível colher mais informações, voltaremos ao assumpto.

Parto difficil

Na manhã do dia 27 de janeiro ultimo, apoz alguns dias de acerbo soffrer, deu á luz um robusto menino a presada esposa do sr. Bento Veites, da Carreira, de S. Paio.
 Sendo urgente na tarde d'esse dia reclamar os serviços operatorios do eximio medico municipal—sr. dr. Francisco Luiz Rodrigues Passos, tratou este de operar a puerpera á parturiente, deixando-a livre do perigo eminente que decreto corria tão preciosa existencia.
 Apraz-nos registrar factos d'esta ordem, que mais uma vez provam a evidencia o incontestavel saber e destreza de tão habil operador.
 Ao recém-nascido desejamos-lhe um futuro de venturas e a seus extremos paes enviamos os nossos mais sinceros parabens.

Aniversario luctuoso

Passa hoje o 4.º anniversario do fallecimento da ex.ª sr.ª D. Beatriz Augusta Ribeiro Durães, presada esposa que foi do sr. dr. Antonio Joaquim Durães, conservador d'esta comarca.

Senhora das Candeias

Segundo o costume dos mais annos, realisou-se hontem em Remoães, a festividade a Nossa Senhora das Candeias, á qual concorreu muita gente das freguezias circumvisinhas.
 A musica Nova, dizem-nos que executou, com mestria, varios trechos de musica e que agradou muito.

Tinham passado mais de dois annos, e achava-me eu nas aguas de Wisbaden. Entre os muitos estrangeiros de distincção, que diariamente enchiam os salões do estabelecimento, havia um joven russo, a quem chamavam o barão d'Ostrolow, cujo ar triste e abatido se fazia notar: não jogava, não dançava, nem tomava parte em algum dos passatempos, com que se costuma alli occupar as tardes e as noites: via-se que elle frequentava os salões, não para divertir-se, mas para distrahir-se com o seu bulicio de alguma profunda dôr que o roía. Esta disposição melancolica casava-se muito com a minha, para que me não despertasse uma certa sympathia para com o barão. Uma noite, que elle estava sentado só no vão de uma janella, absorto segundo parecia em seu triste pensar, cheguei-me para aquelle lado, e

Ballos de mascarar

Consta-nos que brevemente se realisarão alguns ballos de mascarar no theatrinho «Augusto Lima», d'esta villa.

Papel sellado

Já se acha á venda na rebedoria d'este concelho o novo papel sellado das taxas de 10, 20, 30, 40, 50, 60, 80, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1:000 réis, cada meia folha.

CARREIRA

Esteve aqui na semana passada, o sr. Antonio Arthur Baldaque da Silva, estimavel cavalheiro da cidade de Lisboa.
 —Regressou de Rio Maior, o sr. Julio Candido Ferreira Pinto da Cunha, intelligente contador e distribuidor do juizo de direito d'aquelle comarca.
 —Vimos aqui no ultimo domingo, o sr. Jacome de Castro Pitta, digno amanuense da administração do concelho de Monsão.
 —Esteve em Vianna, o sr. Miguel Frederico Pitta de Vasconcellos, da illustre casa de S. Julião.
 —Está entre nós, o menino Luiz Candido d'Abreu, estimado sobrinho do sr. José Candido Gomes d'Abreu, importante capitalista d'este concelho.
 —Acha-se gravemente doente a menina Dores, estremecida filhinha do sr. Pedro Augusto dos Santos Gomes, abastado proprietario d'este concelho.
 Fazemos votos pelas suas melhoras.
 —Dizem-nos que muito brevemente se realiza o casamento do sr. dr. Antonio Joaquim Durães, com a ex.ª sr.ª D. Emilia de La-Salette de Barros, galante dama, d'esta villa.
 Já não vae sem tempo.
 —Foi nomeado encarregado da estação postal de Castro Laboreiro, o sr. José Joaquim Alves, acreditado negociante d'aquelle freguezia.
 Parabens.
 —Passa melhor dos seus incommodos, o sr. Luiz Esteves, presada irmão do nosso amigo sr. Francisco Antonio Esteves, bemquisto e estimavel cavalheiro d'esta villa.
 Estimamos.
 —Regressou a esta villa, o sr. Manoel Joaquim Soares.

occupi uma cadeira que estava vasia ao seu lado
 —Pareccis-me incommodado, senhor barão; lhe disse eu com tom amigavel e affectuoso.
 —Não mais que de costume, me respondeu: esta tristeza é em mim tão habitual, como invencivel.
 —Resultado, sem duvida, do vosso padecimento?
 —E' certo.
 —E não tendes achado melhoras com o uso das aguas?
 —Não faço uso d'ellas, nem vim a Wisbaden para esse fim. Vim aqui, por não ter outra parte para onde ir.
 —E não contaís voltar tão cedo para a Rússia?
 —Nem eu, sei. Por ora não tenho pensado n'isso.
 —Se não temera importunar-vos, far-vos-ia uma pergunta.
 —Fallai francamente: terei o gosto em satisfazervos.

Continua.

TYPOGRAPHIA

JORNAL DE MELGAÇO

LARGO DA FEIRA NOVA (vulgo do gado) MELGAÇO

Esta casa typographica, encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, como jornaes, livros, cartazes e programmas para theatros, mappas, memoranduns, cartas funebres, bilhetes para rifas, facturas, participações de casamento, recibos para confrarias, e juntas de parochia, etc.

CARTÕES DE VISITA

Desde 300 a 600 réis o cento.

CARTÕES DE LUTO

Desde 600 a 800 réis o cento.

Encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas e camaras municipaes por preços modicos.

FAZENDAS PARA INVERNO

Vender muito e ganhar pouco é o systema adoptado na

LOJA NOVA

ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

PRACA DO COMMERCIO MELGAÇO

Chegou a este estabelecimento grande e variado sortido de fazendas proprias para a presente estação de inverno, que se vendem mais baratas do que na Galiza.

O proprietario d'este conhecido estabelecimento chama a attenção, e pede aos seus numerosos freguezes e amigos a fineza de verem os preços e qualidade dos seguintes artigos:

- Flanellas de côr para factos. Gostos lindissimos, Cazemiras.
- Meltão.
- Flanellas azuis.
- Panno azul.
- Cheviotes.
- Picotilhos muito bons, a 700 réis o metro.
- Castorinas.
- Cheviotes a 600 réis.
- Chaites a 600 rs. Ditos de carapinha, muito modernos.
- Cobertores.
- Flanellas para camizas.
- Fazendas de lã para vestidos de senhora.
- Sortido completo de riscados a 50, 60 e 70 réis.
- Panno enfiado para lençoes.
- Pannos branqueados.
- Pannos crus.
- Morins, desde 100 réis a 180, o que ha de melhor.
- Panninhos para forros.
- Algodões e miudezas.
- Completo sortido de cotins.
- Sortido de chancas para homem e senhora.
- Todos os generos de mercearia.
- E muitos outros artigos que tudo vende por preços sem competencia.

À LOJA NOVA DO ESTEVES

MELGAÇO

LOJA NOVA DO CANTINHO MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso, negociante, d'esta villa, participa aos seus ex. mos freguezes, e ao publico em geral, que acaba de mudar o estabelecimento que tinha na praça do Commercio, denominado (antiga Casa do Rainha) para o seu predio sito no largo do Chafariz, aonde já tinha e tem outro estabelecimento denominado «Loja Nova do Cantinho», no qual espera continuar a receber as ordens dos ex. mos srs. que desejem ter a deferencia de procural-o.

Melgaço, 1 de janeiro de 1898. Feliciano Candido d'Azevedo Barroso.

PHARMACIA BARREIRO

(PERFUMARIA)

- Pós de arroz superior.
- Arminhos para applicação dos mesmos.
- Aguas de colonias finas.
- Escovas para a cabeça.
- » » dentes.
- Cosmeticos.
- Pós de dentes.
- Pinceis para barbeiros.
- Sabão em pó.
- Sabonetes de diferentes qualidades.
- Agua Florida.
- Tonico Amarello.
- Rum & Quina.
- Tinteiros para algebeira.

E tudo o mais pertencente a perfumaria, que vende por preços barattissimos.

O MESTRE POPULAR APERFEIÇADO

Francês e o Inglez sem mestre EM 50 LIÇÕES

Novos methodos facilissimos que permitem a qualquer pessoa aprender a fallar, escrever e traduzir correctamente as linguas francezas ou inglezas, por

JOAQUIM GONCALVES PEREIRA JUNIOR (OSCAR NEY)

PROFESSOR E JORNALISTA

Obra completa para qualquer das linguas 2\$000 réis—1 fasciculo semanal 80 réis.

Empreza editora do «Mestre Popular» aperfeicoado—Travessa dos Remedios 5, 2.º (ao caminho de Ferro.) LISBOA

Bordadeira e Moda

Portugueza

ARTE DE CORTAR E FAZER VESTIDOS SEM MESTRE

SUPPLEMENTO A' BORDADEIRA E MODA PORTUGUEZA

Principiou a publicar-se no dia 20 de setembro e continuará em todos os numeros. Preço da assignatura da «Bordadeira», com este supplemento; Anno, 2\$000 réis. Semestre, 1\$200 réis. Preço avulso do jornal e supplemento, 100 rs. Não se vende em separado do jornal este supplemento.

ATELIER PHOTOGRAPHICO DE SILVA AMORIM

16, RUA DE S. SEBASTIÃO, 18

VIANNA DO CASTELLO

Tiram-se retratos desde miniatura ao tamanho natural. Inalteraveis.

PERFEIÇÃO E NITIDEZ

Opera-se com todo o tempo, desde as 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

RETRATOS «MIGNONET»

A 800 REIS A DUZIA

Ampliações photographicas, retratos a crayon e todos os trabalhos concernentes a photographia.

Especialidade em retratos de creança. Grande redução de preços para retratos de costumes do Minho.

16, Rua de S. Sebastião, 18

VIANNA

N'esta mesma casa encontra-se montada a

RELOJOARIA MODERNA

que esteve na Praça da Rainha, alguns annos. Fazem-se toda a qualidade de concertos em relógios por mais difficeis que sejam.

RUA DE S. SEBASTIÃO, EM FRENTE AO GRANDE-HOTEL EUROPA

VIANNA

CONTRA A TOSSE MARQUE PEITORAL JAMES

Unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitais. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Depositos nas principaes pharmacias.

Loja Nova do Cantinho AVISO AO PUBLICO

O proprietario d'este estabelecimento previne o respeitavel publico em geral que acaba de fazer grandes abatimentos nos artigos que constituem o seu commercio, os quaes só vistos se poderá acreditar na veracidade do que se annuncia. Visitem, porisso, a Loja Nova do Cantinho, para poderem verificar a grande redução de preços que o seu proprietario ultimamente fez. Melgaço, 1 de janeiro de 1898. Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho)

CONTRA A DEBILIDADE Vinho Nutritivo de Carne

Unico legalmente autorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doencas: augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'esta vinho, representa um bom lute. Achase a venda nas principaes pharmacias.

PAPEL PARA EMBRULHO

Vende-se n'esta redacção a 800 réis cada 15 kilos.

CONTRA A DEBILIDADE Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellento alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, e ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorisada e privilegiada.

No Jornal de Melgaço

ORÇÃO DOS INTERESSES LOCAES

Proprietario,

Duarte A. de Magalhães

ASSIGNATURAS	ANNUNCIOS
Anno 1\$000 réis	Por cada linha 30 réis
Semestre 600 »	Outras publicações con-
Africa (anno) 2\$000 »	tracto especial.
Brazil («) 3\$000 »	Numero avulso 20 »

Impresso na typographia No Jornal de Melgaço—Largo da Feira Nova (vulgo do gado)—Melgaço.

EDITOR—Manoel Joaquim Esteves Calçada